

Histórias da Educação Física na graduação: desnaturalizando olhares, produzindo histórias, formando docentes

RESUMO

Na formação de professores/as de Educação Física os conhecimentos históricos são fundamentais para conhecer a trajetória da área, se entender como educador/a, formar pessoas mais críticas, reconhecer a pluralidade de corpos com os quais atuamos e poder construir práticas mais equitativas e inclusivas. Nesse texto, nosso objetivo é apresentar e refletir sobre a experiência de uma professora da disciplina de História da Educação Física na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Petrolina - PE) durante os últimos 5 anos, com as turmas do primeiro período do curso de graduação. Externando seus desafios e buscando discussões necessárias para reflexões que incentivem a produção de histórias e que impliquem diretamente na construção de novos olhares, sobretudo, mais críticos.

PALAVRAS-CHAVE: História; Educação física; Disciplina; Experiência; Ensino

Christiane Garcia Macedo

Doutora em Ciências do Movimento Humano
Universidade Federal de Minas Gerais,
Departamento de Educação Física,
Programa de Mestrado Profissional em Rede de
Educação Física
Belo Horizonte, MG, Brasil
Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Programa de Pós-graduação em Educação Física,
Petrolina, PE, Brasil
chrisgmacedo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3760-3951>

Maria da Conceição Veloso

Mestranda em Educação Física
Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Programa de Pós-graduação em Educação Física,
Petrolina, PE, Brasil
Rede Estadual de Educação da Bahia,
Jacobina, BA, Brasil
conceicaofenix42@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-8637-9238>

Aurilene Alves de Moraes

Mestranda em Educação Física
Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Programa de Pós-graduação em Educação Física,
Petrolina, PE, Brasil
nenemoraes@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-0206-6019>

Histories of Physical Education in undergraduate studies: denaturalizing perspectives, producing stories, training teachers

ABSTRACT

In the training of Physical Education teachers, historical knowledge is fundamental to knowing the trajectory of the area, understanding oneself as an educator, training more critical people, recognizing the plurality of bodies with which we work and being able to build more equitable and inclusive practices. In this text, our objective is to present and reflect on the experience of a teacher of the History of Physical Education discipline at the Federal University of Vale do São Francisco (Petrolina - PE) during the last 5 years, with the classes of the first period of the Physical Education graduation. Externalizing their challenges and seeking necessary discussions for reflections that encourage the production of stories and that directly imply the construction of new perspectives, above all, more critical ones.

KEYWORDS: History; Physical education; Discipline; Experience; Teaching

Relatos de Educación Física en la licenciatura: miradas desnaturalizantes, produciendo relatos, formando docentes

RESUMEN

En la formación de docentes de Educación Física el conocimiento histórico es fundamental para conocer la trayectoria del área, entenderse como educador, formar personas más críticas, reconocer la pluralidad de cuerpos con los que trabajamos y poder construir prácticas más equitativas e inclusivas. En este texto, nuestro objetivo es presentar y reflexionar sobre la experiencia de una profesora de la disciplina Historia de la Educación Física en la Universidad Federal del Vale do São Francisco (Petrolina - PE) durante los últimos 5 años, con las clases de la primera período de la carrera de Educación Física. Exteriorizando sus desafíos y buscando discusiones necesarias, para luego llegar a sus estudiantes con reflexiones que fomenten la producción de relatos y que impliquen directamente la construcción de nuevas perspectivas más críticas.

PALABRAS-CLAVE: Historia; Educación física; Disciplina; Experiencia; Enseñando

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em História, nos remetemos ao estudo do passado. Contudo, trabalhar com a disciplina de História em um curso de graduação em Educação Física demanda articulações entre esse passado, nosso presente e as pretensões de futuro. Até porque, corroborando com Goellner (2012, p. 47):

Estudar e pesquisar as Histórias da Educação Física e/ou esporte, é portanto, estabelecer nexos entre diferentes épocas estando ciente de que o passado é algo que não se pode modificar, apenas compreender. O presente, no entanto, é algo em construção cuja história depende também de nossa ação.

Obviamente, isso não significa usar o passado para justificar o presente, mas sim compreender possíveis construções de significado, se entender enquanto agentes e pensar que nossas ações produzem um futuro. Tudo o que fazemos, pensamos, sentimos, produzimos, assim como o significado que atribuímos a tudo isso, depende da época em que vivemos, das relações sociais estabelecidas e, também, do contexto histórico (BOSCHI, 2020). Para o autor, todo objeto, todo som, tudo o que se vivencia ou experimenta, tem historicidade, ou seja, significa que todas as coisas e todas as atividades humanas têm um sentido para a História, isso contribui para desnaturalizar as coisas e a perceber a ação humana através do tempo. Nos leva a compreender que as coisas nem sempre foram como são, como também não o serão para sempre.

Nesta perspectiva de desnaturalização, Goellner (2012), relata o quanto é importante identificarmos que existem várias histórias e não apenas uma, e que as mesmas, são construídas através de pensamentos diversos, ações, significados, subjetividades, entre outros. Vago (2022, p. 414) acredita que “Escrever história(s) é quase impossível, mas é indispensável”. Por ser uma prática difícil, narrar e compreender um acontecimento histórico, é um trabalho que exige paciência, mas vale a pena quando se deseja oferecer uma narrativa verossímil, plausível, que produz uma possibilidade de indagar e compreender o humano e suas criações. Investigar o passado traz consigo a dúvida, faz perder a inocência, mas sempre que possível, inspira a agir.

Um objetivo que comumente aparece associado ao ensino de História é o de transformar os alunos em agentes da História. Isto deve ser olhado com cautela, evitando cair numa simplificação que leve todos a serem considerados igualmente agentes da História, escondendo ou minimizando as gigantescas diferenças de poder e de possibilidade de intervenção no curso dos acontecimentos entre indivíduos situados econômica, política e socialmente em esferas distintas (SEFFNER, 2001, p. 39).

Mesmo com essas considerações e cuidados, o estudo/ensino da História pode assumir uma posição de confronto ao ódio, de aprofundamento do pensamento e do conhecimento no tempo presente, contribuindo para práticas educativas no âmbito escolar, pois a existência do contexto histórico de todas as disciplinas, exige conhecer a trajetória da sua área, condição necessária para orientar as ações de ensino que propomos aos/as estudantes.

Os autores Pereira e Seffner (2018) nos trazem em seus estudos, uma preocupação em colocar o passado vivo como elemento central na construção do currículo no estudo da História, possibilitando abordagens de temas sensíveis problematizando questões presentes na contemporaneidade e estabelecendo conexões com outros campos de pesquisa e ensino e com estratégias diversas de aprendizagem. No caso da Educação Física, alguns textos já abordaram sobre a disciplina de história em cursos de formação, como Melo (1997); Melo (2000); Angulski (2002); Lima (2010); Goellner (2012); Dantas Junior (2012); Will *et al* (2013); Figueiredo (2016); Nunes (2017), Almeida *et al* (2018); Pereira, Impolcetto (2020); Pereira, Souza Neto, Alves (2020). A história da própria disciplina, bem como sua importância, possibilidades e experiências são discutidas nesses textos. Também já existem produções sobre o ensino da história dos esportes para o ensino básico: Matthiesen, Ginciene e Freitas (2012), Freitas (2009), Gomes (2010), Sibila (2011), Paes e Pereira (2016), Pereira (2017).

A disciplina História da Educação Física, geralmente, aparece na grade curricular no início do curso de graduação, entre tantas outras. Mesmo estando presente desde os primeiros momentos de estruturação desse curso superior, como no currículo da Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro (Figueiredo, 2016), alguns/mas graduandos/as ainda questionam: Por que temos que estudar História em curso de graduação em Educação Física? Onde vou usar isso na minha carreira profissional?

Infelizmente, questionamentos como esses por vezes visam deslegitimar a disciplina, e talvez isso aconteça, como analisa Melo (2000, p. 93), pois:

o ensino da História nos cursos de Educação Física muitas vezes se resume a apresentação dos chamados “conteúdos clássicos”. Apresenta-se uma série de nomes e fatos eleitos como relevantes, enquadrados no interior de períodos consagrados tradicionalmente e importados da história geral (Grécia Antiga, Roma, Idade Média etc.), a partir de uma ausente, confusa ou não consciente compreensão historiográfica.

Segundo Goellner (2012), a Educação Física vai além de uma área voltada para a saúde em sua perspectiva biodinâmica e para a performance do esporte, pois necessita uma qualificação que permita dar condições de entender que os discursos e as práticas que circulam no entorno desses campos não foram sempre os mesmos e que são constantemente modificados e ressignificados.

Para a autora, a presença da disciplina História da Educação Física no currículo se justifica sobretudo, pelo fato de permitir conhecer o presente e a nós mesmos, e além de entender que o conhecimento histórico é imprescindível na formação de professores/as de Educação Física, torna-se indispensável também, pois acredita que essa formação deva acontecer de modo que sensibilize esses/as estudantes para que os mesmos/as, tenham a percepção de que tudo tem história, inclusive o corpo e sua movimentação. E que a Educação Física necessita de uma qualificação que permita entender que os discursos e as práticas que circulam no entorno do campo (educativo, performativo, voltado para saúde ou lazer) não foram sempre os mesmos e que são constantemente modificados e ressignificados (GOELLNER, 2012).

Ao pensarmos na relevância desses estudos na formação de professores/as de Educação Física, os conhecimentos históricos são fundamentais para conhecer a trajetória da área, se entender como educador/a , oportunizar diálogos e discussões socioculturais onde possibilitem o pensar numa Educação Física voltada para a libertação, formar pessoas mais críticas, dar condições para que seja possível recriar constantemente a sua prática a partir da compreensão da realidade que o cerca, reconhecer a pluralidade de corpos com os quais atuamos e poder construir práticas mais equitativas e inclusivas.

Numa área marcada historicamente por práticas sexistas, eugênicas e excludentes, que visavam o disciplinamento de grupos sociais desfavorecidos, o ensino da história é um desafio necessário, porém muitas vezes encarado de forma arcaica, com a apresentação apenas de fundadores, mestres, medalhistas e datas que fazem pouco sentido para os iniciantes. Nesse trabalho apresentamos e refletimos sobre a experiência de uma professora da disciplina de História da Educação Física na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Petrolina - PE) durante os últimos 5 anos, com as turmas do primeiro período do curso de graduação. Esclarecemos que três autoras compõem esse exercício de escrita: a primeira é a professora efetiva da disciplina; a segunda e a terceira são estudantes do Programa de Pós-Graduação da instituição, que fizeram estágio docência e contribuíram na escrita com o levantamento de outros trabalhos e, especialmente, com a análise da experiência. Focamos na estruturação da disciplina e nas motivações para as atividades realizadas, buscando compreender como a história integra a formação docente na Educação Física.

DIALOGANDO COM (A) HISTÓRIA

A disciplina em questão ocorre no primeiro período do curso. Foi ofertada de 2019 a 2021 apenas para a licenciatura. Após a reforma curricular decorrente das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física (Conselho Nacional de Educação, Resolução nº 6, de 16 de dezembro de 2018) foi ofertada em 2022 e 2023 para o núcleo comum¹ do curso.

Como base teórica buscamos as discussões críticas do campo e mais diretamente as discussões da História Cultural. Aqui fazemos referência a debates que têm sido reconhecidos como do movimento renovador da Educação Física (CAPARROZ, 1997; BRACHT, 1999). Pois esses apontam uma Educação Física, principalmente escolar, que questiona os paradigmas da aptidão física e da performance esportiva, e também se preocupa com os aspectos da cultura, vinculados à problematização do social. Reconhecendo dessa forma que a Educação Física escolar aborda os conhecimentos da/sobre a cultura corporal. Essa maneira de ver a Educação Física aponta a necessidade de conhecer o contexto histórico das práticas e a produção de sentidos sobre elas, bem como discutir questões sociais que foram produzidas ao longo das suas histórias, questionando exclusões, privilégios e o exercício do poder.

Mais especificamente em relação ao campo da História, nos aproximamos dos referenciais da História Cultural, como sugerido por Burke (2011), que trata essas as denominações História Cultural, Nova História Cultural e História Antropológica como um mesmo movimento teórico da historiografia. Ela indica a busca pela contextualização e problematização, tentando compreender o significado dos acontecimentos para a época e para o presente, porém sem considerar que o hoje é uma consequência direta e simples do que ocorreu anteriormente (BURKE, 1991). A História Cultural também nos lembra que a escrita da história não é um encadeamento de verdades, mas uma narrativa feita a partir das fontes consultadas (PESAVENTO, 2005). É preciso buscar a verdade, mesmo sabendo de sua impossibilidade, tentando se aproximar dela a partir do rigor metodológico.

Considerando essa base, desenvolvemos a disciplina através de unidades interligadas (Corpo, práticas corporais, Educação Física escolar, formação e produção do conhecimento), procurando envolver estudantes através de discussões e, também, em atividades que os/as integram na produção de histórias (no plural) que refletem sobre a construção de outros olhares. Para tanto,

¹ A partir de 2022 o curso de graduação em Educação Física da Univasf implementa uma nova estrutura curricular a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física de 2018 (Brasil, CNE, Resolução 06/2018). Assim, o curso passa a se estruturar a partir de um núcleo comum, nos quatro primeiros semestres e após esse período os(as) estudantes optam pelo direcionamento para licenciatura, para bacharelado ou para a dupla formação.

desenvolvemos aulas dialogadas e algumas experiências/atividades/ tarefas/trabalhos. Para cada aula é selecionado um texto base² para o debate, e utilizamos ferramentas como slides, exposição oral, vídeos, notícias, problematizações de imagens e situações, vivências, atividades lúdicas, questionamentos sobre as motivações e processos de legitimação das práticas, produção de sentidos e valores.

No início da disciplina realizamos discussões sobre a importância de se conhecer a história e também como é feita a produção de pesquisas históricas, com base especialmente nas discussões de Melo (2000), Goellner (2012) e Vago (2022). Por fim, solicitamos uma escrita sintética a partir de perguntas sobre a história de cada estudante³ na Educação Física. As discussões e a atividade se mostram fundamentais para uma maior conscientização, para eles/as perceberem que participam da história e para o engajamento dos/as estudantes durante a disciplina.

Vale destacar que trabalhamos com alguns temas considerados sensíveis (PEREIRA e SEFFNER, 2018), como gênero/transgeneridade, raça, pessoas com deficiência, gordofobia, sexualidade, colonialidade. Esses temas são inseridos nas aulas de forma planejada, de acordo com as unidades que se aproximam, embora também apareçam em momentos não planejados devido aos debates, pois são transversais à disciplina. Então, por exemplo, ao falar da história do corpo e do eugenismo trazemos à tona as questões raciais; na história do esporte abordamos a questão de gênero, transgêneridade e sexualidade; na história da educação física escolar trazemos a discussão das pessoas com deficiência; na história da formação a questão da colonialidade e assim por diante. Esses temas por vezes, mexem com crenças e encontram alguns entraves. Justificativas religiosas e de uma dada “tradição familiar” entram no debate. Percebemos que trazer histórias de pessoas pertencentes a esses grupos e dados estatísticos acabam ajudando na materialização desse debate para os/as alunos/as. Evidentemente, tanto histórias quanto dados estatísticos precisam ser apresentados criticamente, pois eles são leituras do mundo, assim como os demais materiais.

Com essa base, destacamos neste texto três atividades avaliativas que, a nosso ver, foram centrais no processo de envolvimento dos/as estudantes: a produção de histórias em quadrinhos, a realização de uma mini-exposição e o planejamento e execução de uma aula voltada para o ensino fundamental. Essas três atividades obviamente não ocupam toda a disciplina. Mas acabam sendo

² Aqui reforçamos a necessidade da/o docente se manter atualizado em termos de leitura. Alguns textos de muitos anos atrás são fundamentais e muito potentes, mas a cada semestre devemos avaliar se não ocorreu alguma produção que atualize a discussão, traga novos elementos ou que seja mais comprehensível para os/as estudantes. Dessa forma, podemos equilibrar a distância entre pesquisa e sala de aula, que é uma reclamação recorrente.

³ Com inspiração nas discussões sobre a autobiografia, embora de uma forma bem simplificada. Cada um/a responde separadamente e individualmente um “questionário” com perguntas abertas e fechadas. Na segunda aula, levantamos junto a turma, similaridades e divergências entre as experiências, discutindo fonte e a impossibilidade de história da Educação Física no singular. Rocha (2010) faz um exercício mais aprofundado, discutindo questões como opção pela formação e identidade profissional.

uma síntese, pois são realizadas com base nas discussões, leituras e materiais trabalhados. A cada semestre são realizadas duas dessas atividades devido ao tempo da disciplina.

A primeira atividade se desenvolveu no trabalho com as histórias do esporte, e a proposta era produzir uma história em quadrinhos sobre a trajetória de um(a) atleta. Essa atividade poderia ser realizada tanto individualmente quanto em grupo (até 4 pessoas), após a divisão, cada grupo escolheu um atleta e realizou a produção de uma história em quadrinhos. O público alvo desse material eram crianças entre 8 e 12 anos de idade. Como item obrigatório, o grupo deveria trazer alguma discussão (condição de vida de atleta, dificuldades e oportunidades, raça, gênero, região, valorização ou não da modalidade) para a reflexão final.

Imagen 1 – Capas de algumas histórias em quadrinho produzidas



Fonte: acervo pessoal (2021, 2022)

A finalização da atividade foi realizada em aula com a leitura por outros/as colegas e um debate sobre o material produzido, retomando as discussões sobre metodologia da pesquisa histórica, uso de fontes, enquadramento, construção de narrativas, análise das fontes e criticidade. Também foram discutidas várias questões, se destacando as produções de desigualdades no esporte e as possibilidades de, através dele, dar visibilidade a algumas temáticas, como sexualidade, gênero, raça e pessoa com deficiência.

As histórias em quadrinhos já têm sido utilizadas na Educação Física escolar e na formação de professores. Almeida Júnior (2023) em uma revisão de literatura, aponta que elas podem ser uma

ferramenta para o trabalho na escola, especialmente para expressão de estudantes, mas ainda é necessário uma reflexão sobre a sua linguagem que é própria, para que não seja apenas um suporte subordinado.

A segunda atividade foi a realização de uma miniexposição sobre alguns temas como: São João; Brincadeiras e Brinquedos de antigamente; Espaços esportivos em Petrolina/Juazeiro; Jogos Paralímpicos; Futebol Americano em Petrolina; Associação Petrolinense de Atletismo; Educação Física escolar em Petrolina entre outros. Cada grupo teve a responsabilidade de montar uma exposição contando a história de cada tema, tendo uma reflexão final como item obrigatório.

Se quisermos ultrapassar a concepção tradicional, que se baseava na memorização de informações isoladas no estudo da História, temos de ajudar nossos alunos não somente a decorar, mas a **pensar historicamente**. Para isso, é necessário transformar a sala de aula **numa comunidade de investigação histórica** (Vasconcelos, 2012, p. 122, grifos no original).

Tanto os quadrinhos, quanto a exposição demandam o envolvimento dos/as estudantes com rudimento da pesquisa histórica: busca por fontes, problematização e análise e construção de uma narrativa. Autores/as como Nunes (2017), também propõem pequenas pesquisas aos/às estudantes para que eles/as vivenciem o fazer historiográfico.

Imagen 2 – Fotografias de mini-exposições realizadas



Fonte: acervo pessoal (2022, 2023) (autora)

A terceira atividade foi o planejamento e execução de uma aula voltada para o ensino fundamental. Vale ressaltar que tanto bibliografias acadêmicas da área, quanto documentos curriculares nacionais e estaduais tem dado espaço para o conhecimento histórico na educação física escolar. Pereira (2017) aponta que os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, 1998) já prescreviam o ensino de história das modalidades esportivas. O autor também analisou 22

propostas curriculares estaduais, antes da BNCC e 18 delas possuíam orientações para o ensino da história na Educação Física escolar. Contudo, segundo o autor, embora haja um certo consenso na área sobre a necessidade de ensinar história, pouco se discute sobre “o que” e “como” deve ser ensinado.

Destacamos que a obra conhecida como Coletivo de Autores, “Metodologia do Ensino da Educação Física” (SOARES et al, 1992) já destacava a necessidade de contextualizar histórica e socialmente o ensino das práticas da cultura corporal. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular, com muitas limitações e necessárias críticas, também demarca a presença de conhecimentos históricos nas competências específicas da Educação Física para ensino fundamental, especialmente nos itens abaixo:

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
[...]
7. Interpretar e recriar os valores, sentidos e significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
8. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos, com base na análise dos marcadores sociais de gênero, geração, padrões corporais, etnia, religião. (BRASIL, 2017, p. 181)

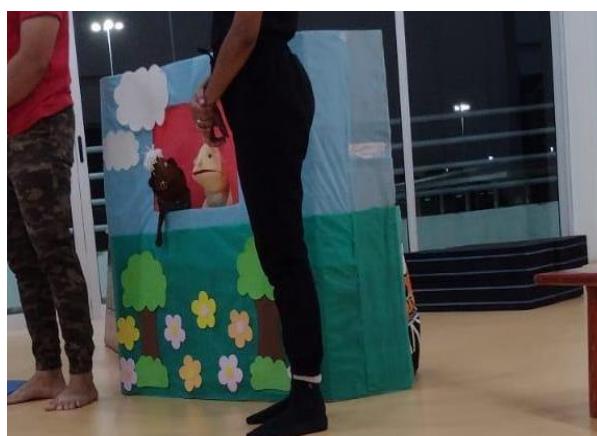
Para a atividade foram sorteados alguns temas (modalidade esportiva, dança, capoeira, judô, ginástica, lazer, pilates, crossfit, brincadeiras, corpo). Cada grupo elaborou uma aula de História sobre o tema escolhido, a aula foi voltada para o Ensino Fundamental e teve duração de 45 minutos. Os grupos apresentaram o plano de aula com objetivos e estratégias metodológicas propostos onde deveriam conter três atividades diferentes além do acolhimento e discussão final. Os planos eram apresentados e discutidos com a turma. Depois aplicam a aula planejada na própria turma.

Para a preparação dessa aula, discutimos o texto de Seffner (2001), “Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula”, e durante o semestre os/as estudantes também experimentam nas aulas da disciplina algumas possibilidades como as vivências por exemplo, de aulas de ginástica/educação física como imaginamos ser no século XIX, ou esporte com regras antigas, ou uma aula de ginástica aeróbica da década de 1980. Duckur (2003) cita a experiência de reconstituição da trajetória de esportes como o basquete e o futsal, colocando a possibilidade de vivenciar algo similar a outras épocas, discutindo mudanças e motivações. A autora comenta sobre a indissociabilidade da teoria e da prática para os/as estudantes: “A história não é tratada como conteúdo à parte, como elemento puramente teórico, ao contrário, é tratada como parte indissociável da técnica” (DUCKUR, 2003, p. 109), ou poderíamos dizer como parte indissociável do esporte, que não é apenas técnica, é uma manifestação cultural.

Nunes (2017, p. 69) também argumenta: ‘Vivenciando, avançamos em conhecimentos procedimentais, além dos conhecimentos conceituais. Nessa direção, aprendemos sobre regras, técnicas e táticas dos esportes utilizadas ao longo dos tempos’.

Além das vivências, outras atividades lúdicas também são experimentadas como quiz, torta na cara, jogos de tabuleiro, estafetas, quebra cabeças, entre outras. Reforçando que não se trata simplesmente de criar “repertórios de atividades”, mas sim de “desnaturalizar” que uma aula de história deve ser apenas expositiva ou de discussão de textos. Como nos alerta várias produções, como Melo (2000) e Pereira, Souza Neto e Alves (2020), para que o ensino da História da Educação Física nos cursos de formação seja valorizado e sirva de fato à construção da identidade e compreensão da área, é necessário superar a forma tradicional de se ensinar história (episódica, com heróis idealizados, datas para decorar, sob a ótica de governantes e colonizadores). Contudo julgamos importante que o/a professor/a universitário também esteja disposto a planejar e tentar desenvolver outros tipos de atividade e não apenas passar o trabalho para os/as estudantes, para que esses/as ao chegar na escola se mobilizem a realizar formas diversificadas e atraentes de trabalhar com história.

Imagen 3 – Fotografia de aula realizada



Fonte: acervo pessoal (2022) (autora)

Destacamos, como visto na Imagem 3, que os/as estudantes ao serem provocados/as são muito criativos/as e trazem outras atividades para além das que foram vivenciadas, como o teatro de fantoches. Nunes (2017) também se encantou com seus/as estudantes trazendo essa atividade para as aulas, para trabalharem com a história do voleibol.

Após a turma vivenciar cada aula dos/as colegas, fazíamos uma avaliação coletiva, apontando se o objetivo foi trabalhado/alcançado, o que eles sentiram, onde as inseguranças foram maiores, como poderia ser resolvido alguns problemas. Assim, se exercita também como avaliar uma aula, sua própria e de outras pessoas, sem apenas apontar erros, mas pensando em melhorar.

Nesse momento, emergiram várias discussões sobre história, sobre as temáticas, mas também sobre o “ser docente”. Como foram turma do primeiro período, esse lugar ainda é de exploração, de conhecer, de se experimentar.

Melo (2000, p. 96), afirma: “A graduação estaria preocupada em preparar o aluno para pensar/repensar sua atuação, entendendo que há a necessidade de uma compreensão teórica por trás de toda atuação, que nunca é só prática, mas indissociavelmente teórico-prática”. Ou seja, essas três atividades possibilitaram esse vínculo com a atuação, mas especialmente produzir e discutir a própria produção e a dos colegas. Vale ressaltar que a segunda e a terceira não foram realizadas no mesmo semestre.

Uma questão, que pode ser colocada é que todas essas atividades foram coletivas. E embora isso valorize a coletividade, a convivência, uma vez ou outra se percebe que algumas pessoas podem se “esconder” nesses trabalhos, se aproveitando do esforço dos/as outros/as. Levando isso em consideração, assumimos certo risco, mas não chegou a representar um grande problema nesses cinco anos. Talvez porque havia conversas muito francas com os grupos, nos debates todos/as falavam e nos casos que foi percebido essa displicência os próprios integrantes do grupo falavam ou a professora intervencia. É um desafio que não agrada a todos/as... Mas destacamos a importância e potência do trabalho coletivo da turma e, também, da produção de materiais e apresentações para a formação de educadores(as). Reforçamos ainda que o envolvimento dos/as estudantes nas atividades não é apenas para instrumentalizá-los, para darem aulas no ensino básico. Mas ao desafiá-los a produzir essas histórias, fazer com que aprofundem os entendimentos e análises das práticas corporais, da Educação Física e da própria atuação.

Não temos a pretensão de esgotar o tema ou de listar todas as possibilidades de trabalhos na disciplina de história. Temos na literatura registros de outras possibilidades, como a de Dantas Júnior (2012), que apresenta o trabalho com o Cinema como uma forma de mediar textos acadêmicos e produção cinematográfica, provocando releituras. Também a proposta de Rocha (2010) que expõe uma experiência com a produção de autobiografias dos/as estudantes como forma deles/as se identificarem na história da Educação Física. Além disso reforçamos a importância das adaptações e da criatividade de cada docente, visto que não há nenhuma prática essencialmente boa, ou que sempre dará certo, mas há intencionalidades e possibilidades.

CONSIDERAÇÕES SEMPRE PROVISÓRIAS

O ensino universitário também deve considerar mudanças nas formas de produzir conhecimento em sala de aula. Aquele professor como expositor de um conhecimento já acabado, tem atingido e mexido pouco com os/as estudantes do ensino superior. Não que devamos sucumbir à lógica aligeirada das redes sociais, mas problematizar e dialogar com a produção de cultura e entender as dinâmicas sociais atuais. A exigência de criatividade, aprofundamento e diversificação deve ser feita tanto para estudantes, quanto para nós, docentes. Evidentemente, isso implica também lutar para que tenhamos condições objetivas (tempo, espaço e materiais adequados a isso).

Destacamos que essa forma de ensino demanda muito tempo de planejamento, apoio a estudantes e avaliação, porém o contexto possibilitou sua realização, visto que a professora da disciplina possui dedicação exclusiva para a Universidade, estabilidade por concurso e pôde assumir a disciplina durante todo o período (podendo fazer adaptações e acréscimos ao longo dos anos).

Também é importante destacar que atuar buscando a formação crítica, não é mais fácil e nem garantia de “sucesso” entre os/as estudantes e colegas, pois exige incomodar, negociar e convencer. Ouvir os/as estudantes, fazê-los/as falar e agir, buscar formas atrativas de construir relações e estar consciente de que nem sempre dá certo como idealizamos, são pontos que se mostraram fundamentais para essa experiência, além de permitir uma preocupação em preparar o/a aluno/a para pensar/repensar sua atuação. Entendendo também, que existe a necessidade de aprofundamento teórico e uma compreensão teórica por trás de toda prática.

Estudar a trajetória histórica da Educação Física mostrou a importância do trabalho anti-sexista-racista-gordofóbico-lgbtfóbico-capacitista-aporofóbico-xenofóbico, enfim contra todos os preconceitos marcados nos corpos e nas práticas corporais. O ensino da história se apresenta como possibilidade de mudar essas trajetórias, produzindo outros entendimentos e se reconhecendo como agentes, permitindo interpretações de seus processos e caminhos no decorrer do tempo, possibilitando discussões contemporâneas e, posteriormente, contribuindo em construções formativas futuras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milena de Oliveira *et al.* Aspectos Históricos da Educação Física através do Teatro: um relato de experiência sobre a História da Educação Física aa Pré-História até os Jogos Olímpicos Modernos. In: **Anais do XV Congresso Espírito-Santense de Educação Física**, v. 15. 2018. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/15Conesef/15Conesef/paper/view/11242>. Acesso em: 16 abr. 2024.

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de. História em quadrinhos e educação física escolar: essa relação “dá jogo”? **9ª Arte**, São Paulo, p. e218675-e218675, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/218675>. Acesso em: 06 out. 2024.

ANGULSKI, Cíntia Müller. **A disciplina de História da Educação Física na formação inicial:** como contar esta história?. Dissertação (Mestrado em Educação Física)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30363682.pdf> . Acesso em: 16 abr.2024.

BOSCHI, Caio. **Por que estudar História?** Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2020.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?format=html> . Acesso em: 06 out. 2024.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 1º e 2º Ciclos.** Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 3º e 4º Ciclos** Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, **Resolução nº 6**, Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física. de 16 de dezembro de 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104241-rces006-18/file> . Acesso em: 06 jun. 2024.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** 2. ed. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CAPARROZ, Francisco. E. **Entre a educação Física na escola e a educação física da escola:** a educação física como componente curricular. Vitoria: CEFD-UFES, 1997.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Esporte e cinema: possibilidades pedagógicas para a educação física escolar. **Cadernos de formação RBCE**, v. 3, n. 2, 2012. Disponível em:

<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/1849>. Acesso em: 06 out. 2024.

DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. **Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física.** 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em:

<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/283104> . Acesso em: 15 abr. 2024.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. **A história da Educação Física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil:** o estabelecimento de uma disciplina (1929-1958). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-ARSGKK/1/tese_vers_o_pos_defesa_conf_02092016.pdf . Acesso em: 15 abr. 2024.

FREITAS, Fernando P.R. **O salto com vara na escola:** subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/items/e34f2527-6352-423b-9c36-047df8495a80> Acesso em: 06 out. 2024.

GOELLNER, Silvana V. A importância do conhecimento histórico na formação de professores de Educação Física e a desconstrução da História no singular. **Revista Kinesis**, v. 30, n. 1, jan/jun, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87020> . Acesso em: 06 out. 2024.

GOMES, Aline O. **A evolução histórica do lançamento do dardo: base para o ensino do atletismo em aulas de Educação Física.** 2010. 104 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) -

Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/4574f968-a39c-401c-871d-4e8c41541f3a/content>. Acesso em: 06 out. 2024.

LIMA, Ariza Maria Rocha. A autobiografia como ponto de partida para reflexão da formação do professor de educação física da Urca. **Metáfora Educacional**, n. 9, p. 115-127, 2010. Disponível em:
https://www.valdeci.bio.br/pdf/rocha_a_autobiografia_como_ponto.pdf Acesso em: 06 out. 2024.

MATTHIESEN, Sara Quenzer; GINCIENE, Guy; FREITAS, Fernando Paulo Rosa de. Registros da maratona em Jogos Olímpicos para a difusão em aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 463-471, 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/FyMwM6Q95YF5PzLjQddJhkK/?format=html&lang=pt> . Acesso em: 06 out. 2024.

MELO, Victor A. Porque devemos estudar História da Educação Física/Espor tes nos cursos de graduação? **Revista Motriz**, v.3, n.1, 1997. Disponível em:
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6501> . Acesso em: 06 out. 2024.

MELO, Victor A. O ensino da história nos cursos de graduação em educação física. **História & Ensino**, v. 6, p. 91-101, 2000. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12392> . Acesso em: 06 out. 2024.

NUNES, Fábio Santana. Perspectivas Metodológicas de Ensino da História dos Esportes. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em:
<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2260> . Acesso em: 06 out. 2024.

PAES, Daniel G. , PEREIRA, Matheus C. Historicizando O Ensino Da Modalidade Esportiva Futebol. **Anais da 8ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS**, v. 8, Muzambinho, 2016. Disponível em: <https://memoriajornada.ifsuldeminas.edu.br/index.php/jcpas/jspas/paper/viewFile/2630/2140> . Acesso em: 09 jun. 2024.

PEREIRA, Nilton M.; SEFFNER, Fernando. Ensino da História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, v.7, n.13, p.14-33, 2018. Disponível em:
<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/427> . Acesso em: 06 out. 2024.

PEREIRA, Matheus C. O ensino da história do esporte nas propostas curriculares estaduais. **Anais do Simpósio Nacional de História–contra os preconceitos: história e democracia**, v. 29, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1489327531_ARQUIVO_ARTIGOANPUH.pdf . Acesso em: 06 out. 2024.

PEREIRA, Mateus C.; IMPOLCETTO, Fernanda M. Consciência Histórica De Estudantes De Educação Física: Uma Análise A Partir Da Teoria Da Aprendizagem Histórica De Jörn Rüsen. **Movimento**, p. 15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/GkTnCKDTFyHtk8VGbRN49WR/?lang=pt> . Acesso em: 06 out. 2024.

PEREIRA, Ester L.; SOUZA NETO, Georgino J.; ALVES, Rogério O.T. Por que precisamos estudar e pesquisar História da Educação Física e do Esporte?. **RENEF**, v. 1, n. 1, p. 8-15, 2020. Disponível em:
<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/3153> . Acesso em: 06 out. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROCHA, Ariza M. A Autobiografia Como Pesquisa Na Formação Do Professor De Educação Física Da Urca. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 2, n. 2, p. 40-54, 2010. Disponível em:
<https://core.ac.uk/reader/230132880> . Acesso em: 06 out. 2024.

SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. **Revista História Unicruz**, Cruz Alta, v. 2, p. 18-23, 2001. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179300/001069219.pdf> . Acesso em: 06 out. 2024.

SIBILA, Camila B. **A história do salto triplo como subsídio para o seu ensino na escola**. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual

Paulista, Rio Claro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c5d95273-ab65-46a3-861f-52718d878dc7/content>. Acesso em: 06 out. 2024.

SOARES, Carmem *et al.* **Metodologia do ensino de educação física.** Cortez Editora, 1992.

VAGO, Tarcísio Mauro. Por que História da Educação Física? Comentários para pensar o trabalho de professores/as em escolas. In: Moreno, Andrea *et al* (Orgs.). **Corpo e ginástica na História:** métodos, sujeitos, instituições e manuais. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2022, p. 413-444.

VASCONCELOS, José A. **Metodologia do ensino de história.** Curitiba, PR: InterSaber, 2012.

WILL, Thiago F. et al. O Ensino da História da Educação Física: uma análise dos Anais dos Congressos de Educação Física, Esporte e Lazer. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro De Ciência Do Esporte E V Congresso Internacional De Ciências Do Esporte,** 2013, Brasília. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/4868/2581> . Acesso em 05 mai. 2024.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA – não se aplica

FINANCIAMENTO

Uma das autoras do texto possui bolsa CAPES para a realização do mestrado.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos



REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 13.06.2024

Aprovado em: 31.10.2024

